

TECNOLOGIA E CONTO DE FADAS...

Príncipe ou lobo mau?

Ângela Barcellos Café¹
Universidade Federal de Goiás

Resumo:

O presente artigo reflete sobre a influência do aparato tecnológico nas sociedades atuais, mais especificamente na educação e na arte de contar histórias, com suas consequências ambíguas de aprisionar e/ou libertar. Diante das possibilidades dessas consequências o profissional que escolhe fazer uso da tecnologia deve estar atento às suas ações, com base em seus objetivos. Fundamentado na teoria do sociólogo e filósofo Herbert Marcuse (da escola de Frankfurt) e outros teóricos, procura contextualizar a ferramenta computacional em seu aparecimento, revelando como o homem é refém de uma racionalidade que ele mesmo construiu. Aponta necessidades de estudos e aprofundamentos para que a atividade de contar histórias possa ser inserida no computador, levando em conta o interesse e a facilidade das crianças ao manipularem o suporte digital. Ao mesmo tempo assinala a importância da consciência no uso da ferramenta computacional (de quem aplica e de quem usa independentemente), para que a mesma não sirva a interesses individualistas, atendendo aos dominantes, que mais tendem a aprisionar do que libertar o ser humano. Não se trata de negar o uso da tecnologia, mas de direcionar suas ações para atitudes que considerem: contextos, espaços, estéticas, objetivos, enfim que analisem as possíveis consequências tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade na qual este está inserido.

Palavras chave: tecnologia, contadores de histórias, educação, arte.

Abstract:

This article reflects on the influence of the technological apparatus in contemporary societies, more specifically in education and art of storytelling, with its ambiguous consequences of imprisoning and / or release. Given the potential consequences, those professionals who choose to make use of technology should be aware of their actions, based on their goals. Based on the theory of the sociologist and philosopher Herbert Marcuse (Frankfurt School) and other theorists, seeks to contextualize the computational tool in their appearance, showing how man is hostage to a rationality that he built himself. Stresses the needs of studies and insights for the activity of storytelling can be inserted into the computer, taking into account the interests and facilitating children have when handling the digital support. At the same time points the importance of awareness in the use of the computational tool (for those who apply and who uses independently), so that it does not serve individualistic interests, serving the dominants, which tend to trap more than free the human being. This is not to deny the use of technology, but to direct their actions to attitudes that consider: contexts, spaces, aesthetic goals, and finally examine the possible consequences for both the individual and society in which it is inserted.

Key-words: technology, storytellers, education, art.

¹ Professora da Universidade Federal de Goiás, atualmente do curso de Licenciatura em Artes Cênicas. Contadora de Histórias, tendo defendido sua dissertação de Mestrado, na área de estudos do Lazer na Unicamp, em 2000, onde investigou várias possibilidades para o contador de histórias da atualidade; doutoranda do IDA – UnB.

A técnica por si só pode promover tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo.

Marcuse

Diante dessa epígrafe para negar ou supervalorizar a tecnologia nos tempos atuais é imprescindível verificar *como* essa tecnologia, associada à arte, ou a qualquer atividade humana, pode ou deve ser utilizada para contribuir com as sociedades contemporâneas. Ou seja, o que proponho é pensar nas possibilidades e consequências da utilização do aparato tecnológico, para que, tanto na arte como na educação sua utilização possa contribuir na formação de pessoas autônomas, críticas e superadoras do 'status quo' vigente.

Nos escritos de Aristóteles um dia a humanidade não precisaria mais ter escravos, pois, a máquina substituiria o trabalho do homem. Se pensarmos em termos de possibilidades, podemos facilmente concordar, mas ao mesmo tempo, fica claro que esta, não é nem de longe a nossa realidade. Surge um paradoxo: o atual desenvolvimento tecnológico poderia sim, permitir ao homem maior tempo de fruição e liberdade, já que suas obrigações poderiam ser minimizadas (ou divididas) em tempo real, pelas possibilidades de atribuir à tecnologia, muitas ações humanas. Como exemplos concretos dessa realidade temos: a construção (digitação) de um texto no computador, com todas as ferramentas imediatas (recortar, copiar, colar, etc.) comparados ao processo manual ou de uma máquina de datilografia; os serviços de bancos, escolas, instituições públicas e privadas que antes eram realizados por funcionários (às vezes especializados) e hoje são facilmente substituídos por terminais eletrônicos, onde cada um realiza suas próprias operações; uma simples TV ou rádio que permitem acompanhar em tempo real um acontecimento do outro lado do planeta; enfim, são ações que alteram tempo e espaço nas atividades humanas e poderiam estar a serviço do bem da humanidade.

Entretanto, não é somente isso que ocorre, sendo este apenas um dos aspectos verificados. O que observo no mundo real é o aumento da riqueza e da tecnologia no mundo (cada vez mais sofisticada), mas, ao mesmo tempo a fome, a miséria, a violência, a solidão, a alienação, a exclusão... Lembro-me de ter aprendido a Lei de Malthus na escola: a população cresceria em proporção geométrica enquanto o alimento em proporção aritmética, assim em pouco tempo o ser humano não teria mais como se alimentar. Há muito isso não é mais verdade, pois, a tecnologia encontrou caminhos para superação desse fato. O que ocorre é uma distribuição injusta, pois, mesmo podendo alimentar todo o planeta encontramos morte por subnutrição e desperdícios incalculáveis em razão de uma necessidade de acúmulo de riqueza, por parte de alguns.

O homem não consegue colocar o progresso para o bem de todos, ao fazer deste a fonte do poder para a dominação da maioria, que fica impedida de usufruir de suas conquistas. Sem dúvida o progresso tecnológico tem contribuído ainda mais para este "caos", aumentando significativamente as diferenças sociais e a exclusão.

Feenberg, em seu texto: Teoria Crítica da Tecnologia, com base nos estudos de Marcuse, também relaciona a revelação tecnológica com as conseqüências da persistência das

divisões entre classes, dirigentes e dirigidos nas instituições tecnicamente mediada de todos os tipos. A tecnologia pode ser - e é - configurada de modo a produzir o domínio de poucos sobre muitos. Essa é uma possibilidade inscrita na própria estruturação da ação técnica que estabelece uma direção única de causa e efeito (2006, p. 5).

A contradição mais uma vez se afirma, em conjunto com uma confusão de papéis e ações, pois, a utilização da ferramenta tecnológica pressupõe uma ação técnica do domínio de poucos, cujo *feedback*, só pode ser a alienação de muitos.

Os seres humanos só podem agir num sistema a que eles mesmos pertençam. Consequentemente cada uma de suas intervenções retorna a eles de certa maneira como feedback de seus objetos. Isso é obvio na comunicação cotidiana onde a cólera geralmente desperta a cólera, bondade estimula bondade, e assim por diante (IBIDEM, p. 5).

São comuns hoje os comentários da influência dos programas violentos nas reações das crianças, que chegam a cometer “assassinatos em massa” em escolas americanas. Em aulas de arte/teatro, nas escolas regulares, quando é dada a oportunidade para que os próprios alunos criem suas cenas observamos que a maioria maciça apresenta temática e ações violentas em suas cenas. Esta realidade não é só goiana, as experiências de outros Estados revelam os mesmos resultados. O homem parece estar refém de uma racionalidade que ele mesmo construiu. Neste sentido a tecnologia deve ser vista e entendida como continuidade de uma construção humana, nas duas perspectivas, como nos revela Marcuse na epígrafe deste texto.

Os estudos deste mesmo autor: “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”² analisam a história, na busca da compreensão da racionalidade individualista e sua transformação em racionalidade técnica. A idéia de racionalidade individualista nasce com a Idade Moderna, por volta dos séculos XVI e XVII onde os valores de verdade provem da razão humana e esta razão é o valor máximo do indivíduo. Somente a inteligência, ou seja, a razão poderia libertar o homem. Como teoria social, nessa época, surge o Liberalismo também com o individualismo como princípio fundamental, associado à liberdade, propriedade, igualdade e democracia. “O princípio do individualismo, a busca do interesse próprio, era condicionado pela afirmação de que o interesse próprio era racional, quer dizer, que resultava de e era constantemente controlado pelo pensamento autônomo” (1999, p. 75).

Com o surgimento da revolução industrial o ser humano foi submetendo esta razão que se transformou em uma racionalidade tecnológica, que ao invés de libertar o

² No livro: Tecnologia, Guerra e Facismo organizado por Douglas Kellner.

homem, o escravizou. “O poder tecnológico tende à concentração do poder econômico (...) E a tecnologia “*paulatinamente*” expande o poder à disposição das empresas gigantes criando novas ferramentas, novos processos e produtos” (IBIDEM, p. 77). É preciso compreender que a produção está nas mãos de poucos, que detém o controle e trabalham exclusivamente para e pelo lucro. Desta forma, “o poder tecnológico do aparato afeta toda a racionalidade daqueles que a servem (...) Sob o impacto deste aparato a racionalidade individualista se viu transformada em racionalidade tecnológica” (IBIDEM, p. 77).

É importante perceber que as duas racionalidades, individualista e tecnológica, ou seja, os dois conjuntos de verdade, de valores, não podem ser considerados opostos, pois os mesmos possuem pontos em comum. Assim, a crítica não será válida se for apenas contra a técnica, ou na direção da substituição do individualismo pelo coletivismo, a solução não pode vir pela oposição. O indivíduo deve recuperar sua capacidade de criação, liberdade e, sobretudo de controle da tecnologia na conquista de sua autonomia, e não, de submissão como tem acontecido.

Em virtude de sua subordinação a padrões externos, a verdade tecnológica, entra em constante contradição com a forma pela qual a sociedade individualista estabeleceu seus valores supremos. A busca do interesse próprio agora parece estar condicionada pela heteronomia: a autonomia aparece como um obstáculo, em vez de estímulo à ação racional (IBIDEM, p. 84).

Em busca de respostas, para a autonomia que o homem está perdendo, passo a analisar como a ferramenta tecnológica interfere na educação, por enquanto, entendida em seu sentido mais amplo, ou seja, na construção dialética da sociedade e do indivíduo. Esta relação de causa e efeito está presente na elaboração de programas para que os *dominados* ‘engulam’ sem questionamentos ou outros estímulos, o que querem os *dominantes*. Portanto, alimenta o que se quer manter: pessoas alienadas para que continuem dominadas. Isto não é fácil de perceber, pois ao mesmo tempo os objetos e as coisas vêm revestidos de significados múltiplos e inovadores, que chamam atenção e fazem pensar que estamos participando, construindo, escolhendo...

No mundo do “tudo pronto”, texto imagem e sentimento impõem ao homem uma rápida ingestão de idéias e mercadorias, limitando a possibilidade de escolha e seleção, segundo seus próprios critérios. Por todos os lados e ao mesmo tempo, veiculam-se informações pelo rádio, TV, vídeo-cassete, internet, outdoors, cartazes, panfletos... uma variedade e uma quantidade tão estonteante que chegam a provocar uma “congestão” de imagens, como já se habituou a dizer. A sociedade, voltada inteiramente pelas imagens, assimila ícones numa velocidade tal que parece impedir seu metabolismo, o que provoca alguns distúrbios. Ao apelar para visão e audição mais fáceis e rápidas, comparativamente à leitura para além da decodificação de signos, o resultado é o simulacro do pensar. Por comodismo ou pela “lei do menor esforço”, o homem abdica da capacidade que lhe é inerente e passa a pensar por meio

de quem, na imaginação está agindo. A grande conseqüência é uma progressiva inanição da cultura, em razão do pouco conhecimento, reduzido à informação fragmentada, e da perda da sensibilidade e criatividade desse homem (CAFÉ, 2005, p.15).

Nesse sentido, devemos estar atentos para o uso do meio eletrônico como ferramenta que pode propiciar uma interatividade crítica e criativa, mas, por outro lado como nos mostra a teoria de Marcuse, pode aprisionar as pessoas em significados prontos que não permitem as transformações necessárias dos seres humanos e consequentemente das sociedades.

Novamente o paradoxo se estabelece: de que adianta tanta informação se não sabemos o que fazer com elas? De que adianta o acesso ao meio eletrônico em um país com mais de 67% de analfabetos práticos? Como solucionar o problema da crítica emancipatória em leitores que não são capazes de construir um sentido próprio em suas interpretações e leituras? Como falar de inclusão em um contexto destes? Será possível utilizar a tecnologia como ferramenta no auxílio da formação do professor e do aluno, sem, no entanto colocá-la como condição única? E o acesso do professor ao aparato tecnológico, considerando que o mesmo não consegue adquirir nem o livro, ou um material básico para seu trabalho? Como vencer a dominação do meio eletrônico sem o tempo e a vivência necessária com esse meio para superar suas contradições? Em que contextos ou momentos a ferramenta - computador seria útil na aprendizagem escolar? Como lidar com a diversidade de informações e conceitos que essa ferramenta disponibiliza? Como lidar com a diversidade e simultaneidade de linguagens oferecidas pelo aparato tecnológico? E na arte, o aparato tecnológico impede a criatividade e o imaginário? Ou é possível a contribuição do diálogo e/ou interação da arte com a tecnologia?

Essas questões não serão respondidas integralmente, até porque a maioria delas não tem respostas prontas, mas, trazem elementos que podem orientar pensamentos, investigações e ações que auxiliem na transformação dessa realidade.

Mesmo me colocando em risco ousar dizer que um dos grandes problemas da sociedade contemporânea, ou pós-modernidade como querem denominar alguns autores, é da substituição dos fins pelos meios. Ao não conseguir assumir que o "fim" do homem é "*ser feliz³ vivendo em uma sociedade justa*", como já afirmava Aristóteles este "fim" do homem se perde em meio a valores, tempos e espaços diversos e imediatos. Atualmente o que se coloca são os meios no lugar do "fim", esses meios trazem a imediatez, nas respostas instantâneas, produzidas pelos meios tecnológicos. Os meios têm sido interpretados como objetivos imediatos de fácil verificação e assim estão substituindo a conquista maior da humanidade, ou seja, o sentido da vida.

De acordo com Adorno e Horkheimer (1985), fundadores da escola de Frankfurt (Teoria Crítica), a mídia, como técnica, está inserida na lógica da racionalidade como dominação. Para eles, é difícil escapar

³ Cada um tem sua própria maneira de ser feliz, que pode ser diferente ou igual a de outras pessoas. Mas, no fundo todos queremos a felicidade, cada um a seu modo.

dessa racionalidade instrumental, técnica, onde os meios estão acima dos fins (MORAES E SANTOS, 2003, p.22).

Continuam os mesmos autores, analisando o pensamento neomarxista: “O átomo, o computador, os satélites, *“servem antes de tudo para fazer a guerra”*. Tal faculdade, porém, está reservada ao clube dos ricos.” (IBIDEM, p. 23) Que não por acaso são os dominantes a quem me refiro em outros momentos. Para Marcuse “Os homens, seguindo sua própria razão, seguem aqueles que fazem uso lucrativo da razão” (1999, p.86).

À medida que as sociedades tornaram-se complexas e o modo de produção capitalista dividiu a sociedade em classes sociais, a cultura compartimentou-se. Hoje, nas sociedades modernas, os campos culturais tornaram-se isolados. No campo científico, houve uma fragmentação das ciências e, no interior de cada área científica, várias especializações exigem profissionais competentes para cada saber. Ao mesmo tempo, a vida compartimentou-se exigindo hora e momento próprio para cada atividade humana. Os centros urbanos, com o advento dos meios de comunicação social, apresentam certa uniformidade das atividades culturais, todas elas segundo padrão estabelecido de produtos prontos que impedem a criatividade.

O aparato tecnológico do mundo atual aprisiona o ser humano ao significado imediato que a tecnologia proporciona e esse é dos perigos que o meio tecnológico oferece, sobretudo na área da educação e da arte. Ao se maravilhar com um novo e infinito volume de informações sem preparo para digeri-las o ser humano se submete ao que a máquina “informa”, sem a consciência da dominação que existe por traz desse aparato. Assim, estamos perdendo a capacidade de identificar a importância das próprias capacidades humanas, de ser livre e criar um mundo feliz e justo, e simplesmente, obedecemos cegamente tudo que vemos, ouvimos, lemos...

Estamos também nos tornando anônimos, pois um dos problemas da Internet hoje, do meu ponto de vista de quem lida com a especificidade desta área, são os textos veiculados sem autoria, sem a menor preocupação ou reconhecimento de quem os utiliza. É comum, alunos em oficinas de contadores de histórias escolherem textos por vezes conhecidos, dizendo ser de autoria popular, ou o inverso, mostrando o quanto eles confiam cegamente nas informações da “internet”, sem questioná-las. Isso se confirma na expressão “Mundialização” utilizada por Renato Ortiz, para referências a traços culturais que se espalham, se fundem e se confundem universalmente. O risco de não saber como a cultura foi socialmente construída está na aceitação passiva de informações e bens de consumo, sem questionamentos ou reflexões contextualizadas.

Meu desejo como educadora é investigar possibilidades que consigam contribuir para a transformação dessa realidade. Neste contexto, passo a analisar o Contador de Histórias (meu objeto de estudo e prática desde 1993⁴), em relação ao uso da tecnologia, mais especificamente da ferramenta computacional, em suas atitudes e consequências sociais, culturais e individuais.

⁴ Em meus estudos de mestrado relato parte desta experiência que está publicada no livro: Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores. Editora Cegraf/UFG, 2005.

O ser humano é constituído por três aspectos: universalidade, regionalidade e individualidade. Segundo Régis de Moraes este é o “*mistério da singularidade humana*”, pois, “Cada homem é, em certos aspectos, como todos os outros homens; como alguns outros homens; como nenhum outro homem” (KLUCKHOHN e MURRAY, apud BRUNER, 1963, p.220).

Além da busca de preencher um vazio na conquista universal de felicidade, os contadores de histórias, na ação do contar, apresentam com clareza os três níveis da realidade humana. Em um mesmo conto de fadas, por exemplo, podemos perceber todas essas características, pois ele é primeiramente universal, conhecido por todos, e recontado durante séculos ou milênios (como alguns mitos); divulgados e recontados em vários locais, sofrem, entretanto, interferências culturais de cada região; pode e é interpretado individualmente, de acordo com as experiências pessoais e socioculturais do ouvinte e do narrador.

Um dos principais objetivos do contador de histórias no mundo contemporâneo é suscitar as emoções e as imagens da história que está sendo narrada, permitindo que o ouvinte se entregue, com liberdade, às possibilidades variadas de significação do conto.

A princípio rejeitei a idéia do contador de histórias em um espaço eletrônico, pela ausência do contador em seus princípios básicos de mediação da voz e do gesto que levam ao entendimento da narrativa; da necessidade do *olho no olho* para a completude dos possíveis significados. Mas, no decorrer da disciplina e dos seminários apresentados fiquei pensando que antes de qualquer preconceito a ordem é investigar. Quando fui sistematizar alguns estudos me recordei de uma entrevista na Rádio Universitária da UFG, em que o entrevistador me pediu ao vivo para contar uma história. Era minha estréia em um meio eletrônico e só agora me dou conta disso. O difícil naquele momento era não ter os olhos do público como *feedback* que orientasse a comunicação e conseqüentemente a compreensão da história narrada. A experiência foi tranqüila quando o locutor me explicou que o ouvinte *veria* meus olhos por meio da minha voz.

É interessante esclarecer rapidamente ao leitor quem é esse contador de histórias, do qual me refiro, por perceber sua existência não só ontem, mas presente hoje, também ainda que de formas diferentes. Podemos dizer que a humanidade se desenvolveu por meio das histórias que contavam, preservando sua cultura e se educando por meio de uma comunicação oral, em milhões de anos.

A arte de contar histórias pode ser entendida como uma atividade cultural ainda viva em nossos dias, embora de forma díspar em razão da complexidade das sociedades atuais. A re-significação da própria atividade a mantém viva, eliminando a possibilidade de estabelecer ou identificar regras definidas.

No decorrer dos tempos, a história mostra diferentes formas de cultura na organização da vida social, no estabelecimento do poder, nos modos de produzir e de apropriar-se dos bens por meio do lazer, da educação, da arte, das diferentes maneiras de pensar e de agir do homem, que se fazem nas condições concretas e determinadas da existência da humanidade. Dessa forma, os contadores de histórias no mundo de hoje se apresentam com perspectivas diferenciadas.

É nesse caos de começo de milênio que a imaginação criadora pode operar como a possibilidade humana de conceber o desenho de um mundo melhor. Por isso, talvez a arte de contar histórias esteja ressurgindo por toda parte (MACHADO, 2004, p.15).

Em vários países contar histórias é uma profissão, com espaço assegurado em livrarias, bibliotecas, escolas e centros de cultura. Na Inglaterra a arte de contar histórias é disciplina curricular obrigatória, em todas as licenciaturas e cursos de pedagogia, por entenderem que um educador é antes de tudo, alguém que comunica e troca experiência nas significações das recepções das narrativas. No Brasil multiplicam-se grupos de todas as idades e por toda parte, indo e vindo em todas as direções:

Vêm vestidas de vermelho, azul e amarelas; fitas coloridas penduradas pelo corpo; vêm com jeito de palhaço ou de princesa; outros vestidos de si próprio. Alguns trazem consigo instrumentos sonoros, músicos e cantores; outros são eles próprios músicos e cantores; alguns portam malas, bonecos, fantoches, panos, chapéus, tapetes bonés, caixa de fósforos, mímica, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando, contando, cantando, deixando leitura, múltiplas leituras aos seus ouvintes hipnotizados (BUSATTO, 2006, p. 26).

Todo ano são realizados dezenas de Eventos acadêmicos e alternativos no Brasil e na América Latina. Um exemplo são os Simpósios internacionais de Contadores de Histórias promovido pelo Sesc, anualmente, do qual já tive oportunidade de participar e me apresentar. Só para se ter uma idéia é realizada uma maratona com 24 horas de contos e histórias, para todas as idades e gostos, sem intervalos e em todos os anos o anfiteatro esteve lotado, inclusive durante a madrugada.

O repertório das narrativas é extremamente variado, podendo ter origem escrita ou oral. Os espaços para esses contadores cada vez se ampliam mais: escolas, praças públicas, hospitais, congressos de todas as áreas, exposições, parques, festas, rádios, TVs, Dvds, e ciberespaço.

Fiquei surpresa, quando nos dias em que estava escrevendo esse texto, me deparei com o livro: *A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*, da autora Cléo Busatto. Desde o início do curso tenho pensado em como seria possível traçar direções (orientações) para o desenvolvimento deste tema no computador, para o Ensino à Distância, sem, no entanto ferir os princípios educacionais em que acredito. Dito de outra forma, orientações que colocam a tecnologia como ferramenta a ser utilizada para a formação crítica e a emancipação do ser humano.

O problema é que determinadas direções podem interferir de forma negativa no processo da contação de histórias, pois, acredito que a primeira *regra* para se contar uma história é: *não obedecer a regras fixas*. O contador deve se conhecer, em seus limites e potencialidades, para saber escolher que tipo de histórias combina com seu *jeito de ser*. Para isso, deve também ser bom leitor e ouvinte, conhecer autores e

gêneros variados, a fim de ampliar suas possibilidades de eleger seu repertório. Essa necessidade revela o cuidado nas indicações colocadas em rede, como se fossemos todos iguais, diferindo apenas em idade e gostos pessoais. Conhecer a si mesmo exige experiência prática, que às vezes só é possível em um grupo de pessoas. Como vencer essa dificuldade no meio tecnológico, que pressupõe uma recepção individual? Como superar a presença ao vivo que envolvem receptor e emissor numa atmosfera de cumplicidade?

Ainda com referência ao problema da formação do contador de histórias existe a dificuldade da autoria. Além dos textos estarem sendo veiculados na internet sem revelar o nome dos autores, como se isso fosse de menos importância, há uma mistura indiscriminada de recortes e colas de partes de textos diferentes, sem explicações que contextualizem as modificações e apropriações. A importância de conhecer o nome de quem escreveu determinado conto é fundamental na formação do leitor crítico. Conhecer quem é o autor, de onde ele fala, quais são as características de sua escrita, ou fala, é fundamental para saber que entonação utilizar para passar aquela mensagem, que não é pronta e sim interpretada pelo ouvinte com liberdade.

Busatto realiza um estudo sobre os narradores tradicionais e contemporâneos; a atuação do imaginário nesta atividade; e, uma experiência de contadores de histórias mediadas pelo suporte digital. É essa última que nos interessa neste momento.

No século XXI, a narração oral ganha outra dimensão ao ocupar o espaço telemático. Abordar a *performance* do contador de histórias na era digital, como é o caso de *Cabra Cabriola*⁵, implica uma mudança de foco, de entendimento e aceitação de outras perspectivas e paradigmas do aprendizado e da fruição dessa arte (BUSATTO, 2006, p. 97).

A autora, para ser fiel à ação do imaginário propiciada na narração de um conto faz um estudo aprofundado da personagem para que a mesma não perca as características básicas oferecidas pela contação de histórias ao vivo. Em seus cuidados estudou a oralidade desde suas raízes e como foram se re-significando através dos tempos, até hoje, onde ela não perde sua força, mas, ganha outras possibilidades na utilização do aparato tecnológico.

A facilidade com que as crianças de hoje manipulam o suporte digital sugere que se pense e se considere essa linguagem não como presença efêmera desse cotidiano, mas como um segmento a ser pensado. Se as crianças vão mesmo utilizar essa ferramenta então devemos estar atentos para a possibilidade de liberdade em relação à máquina, e não de submissão.

Os contadores de histórias, ao desenvolver suas atividades em qualquer espaço possível, deverá ter o cuidado de direcionar suas ações para a recuperação do lúdico, como aspecto cultural a ser vivido, seja em uma escola, em um hospital ou em uma praça pública, ou na ferramenta computacional, no tempo de trabalho ou fora dele., Isso nem sempre se torna possível uma vez que, em certos momentos, corre-se o risco

⁵ Produção no formato CD-ROM Contos e encantos dos 4 cantos do mundo. Curitiba, 2001.

de uma atuação que pode desviar a atenção, como atividade imposta, moralizante e exigente de uma única interpretação, tolhendo a liberdade criadora do ouvinte das histórias. A força e a fraqueza⁶ da educação analisadas nessa atividade imbricam-se, podendo furtar ou recuperar a manifestação lúdica e a capacidade crítica, dependendo da forma e do conteúdo com que as atividades são desenvolvidas, o que exige, portanto, uma atitude permanente de reflexão. A essa comparação associamos os dizeres da epígrafe, onde Marcuse (1999) nos alerta dos perigos da tecnologia colocados pela própria contradição humana, na construção e desenvolvimento das sociedades.

A professora Dr. Raquel Moraes (2003), aponta alguns fatores imprescindíveis na intenção de que a sociedade recupere o controle de si própria: “ser maior que ter; eliminação da divisão social do trabalho; democracia e cidadãos participativos; formação politécnica (formação geral humanista, científica e tecnológica); sociedade economicamente sustentável”(MORAES e SANTOS, 2003, p.?). Cada um em suas condições e limitações necessita se preparar para essa construção, pois, é urgente a transformação das relações sociais, onde o poder deve ser compartilhado, e não domínio de poucos como tem acontecido.

Hoje, nós contadores de histórias, sentimos uma necessidade de reviver essa forma *artística* de comunicação, no contexto da atualidade, para: abrir novos horizontes possibilitando a memória dos velhos tempos; motivar fantasias, vividas por meio das imagens e emoções suscitadas pelo conto; ampliar a vivência do lúdico em espaços variados; conhecer as tradições de sua própria cultura e de outras culturas; incentivar a leitura, quando a referência for o livro impresso ou quando houver necessidade de registro escrito para que a história não se perca no esquecimento de quem não conta, nem ouve mais histórias, que também incentivemos esse registro.

Diante disso, podemos ainda perceber que o computador tem chegado a lugares onde não existem sequer bibliotecas. Se por um lado é fantástica a possibilidade do acesso, por outro, há que se ter cuidado com a formação dos leitores, para que sejam críticos e não alienados, aceitando tudo que aparece. É preciso conhecer para formular seus próprios critérios de escolha.

A arte não pode ser desvinculada da realidade humana. Ela é criada pelo ser humano, para outro ser humano, afinal qualquer obra de arte só se complementa na presença de um observador (assistente, plateia, ouvinte, espectador, ou qualquer nomenclatura a ser considerada). Por isso a responsabilidade do artista com o que ele suscita no outro. Assim, mesmo os artistas devem estar atentos a qualquer utilização do aparato tecnológico em sua obra, pois que a mesma, poderá servir tanto para alienação ou submissão, quanto para a dominação ou por outro lado, para ampliar perspectivas, conhecimentos, possibilidades.... O que você quer?

⁶ As idéias de força e fraqueza na educação estão no livro: **O que é Educação**. Col. 1º passos, 1995. O autor mostra que toda ação educativa envolve ao mesmo tempo uma força, que é a transformação, e, uma fraqueza, que se revela na manutenção da nova ordem; Prof.º Dr. Carlos Rodrigues Bandão, Antropólogo na Unicamp.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. In **O Narrador**. São Paulo, Abril Cultural, 1975 (coleção Os Pensadores).

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo, Brasiliense, 1995.

BRUNER, E. M. **Panorama da antropologia**. São Paulo, Fundo de Cultura, 1963.

BUSSATO, Cleo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Santa Catarina, Vozes, 2006.

CAFÉ, Ângela Barcellos. **Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores**. Goiânia, Cegraf/UFG, 2005.

FEEMBERG, Andrew. **A Teoria crítica da tecnologia**. Trad. Unimep, Ufscar e Unesp. <http://www.sfu.ca/%7Eandrewf/critport.pdf>. acesso em 2006.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo, DCL, 2004.

MARCUSE, H. **Algumas implicações sociais da tecnologia moderna**. In: **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. São Paulo, Editora Unesp, 1999.

MORAES, Rachel e SANTOS, Gilberto Lacerda. **Tecnologias na educação e formação de professores**. Brasília, Plano Editora, 2003.